MERCADO DE TRABALHO DA AGROPECUÁRIA MAIS INTENSIVO EM CAPITAL

ROBERTA POSSAMAI[1], FELIPPE SERIGATI[2], ANDRÉ DIZ[3]

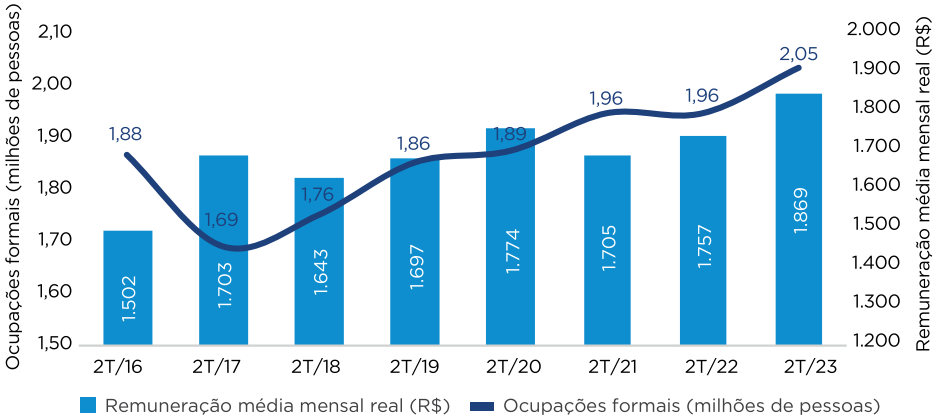
A despeito de todas as turbulências vividas entre 2016 e 2023, o setor agropecuário entregou um robusto crescimento. Segundo um levantamento do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro), o mercado de trabalho ligado a esse setor tornou-se mais intensivo em capital, está mais formal e tem pagado uma remuneração média mensal maior. Mesmo sofrendo impactos mais intensos do que a agropecuária, a agroindústria apresentou uma redução menos intensa do que a indústria de transformação em termos de remuneração ao pessoal ocupado.

ENTRE 2016 e 2023, apesar de todas as turbulências vivenciadas (crise econômica, greve dos caminhoneiros, pandemia de COVID-19, eventos climáticos adversos, guerra na Ucrânia), as atividades agropecuárias passaram por todos esses obstáculos e entregaram um robusto crescimento. No período, a agricultura acumulou um aumento na produção de grãos de 34,1%, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O Valor Bruto da Produção (VBP) da pecuária, por sua vez, aumentou 14,6%, segundo as estimativas do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA).

Certamente, o bom momento da atividade agropecuária refletiu-se positivamente no mercado de trabalho desse setor, principalmente considerando a qualidade dos postos de trabalho. Nesse sentido, de acordo com o levantamento realizado pelo FGV Agro por meio dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), constata-se que o mercado de trabalho associado a essa atividade, entre 2016 e 2023 (levando em conta o segundo trimestre de cada ano), tornou-se mais intensivo em capital, está mais formal e tem pagado uma remuneração média mensal maior.

EVOLUÇÃO DO PESSOAL OCUPADO FORMAL (MILHÕES DE PESSOAS) E DA REMUNERAÇÃO MÉDIA MENSAL REAL (R$) NA AGROPECUÁRIA

No período de 2016 a 2023 (levando em conta o 2º trimestre em cada ano), houve um aumento expressivo e quase linear do número de pessoas ocupadas formalmente na agropecuária. Ainda que menos linear, também se pôde observar um crescimento considerável na remuneração média mensal do setor nesse período.



Fonte: PNADC; elaboração pelos autores

O MERCADO DE TRABALHO MAIS INTENSIVO EM CAPITAL E MAIS FORMALIZADO

Entre o segundo trimestre de 2016 e o mesmo período deste ano, o mercado de trabalho "dentro da porteira" perdeu 889,2 mil ocupações, passando de 9,23 milhões para 8,34 milhões – uma contração de 9,6%. Essa queda foi puxada tanto pela agricultura (-9,7%, ou -583,3 mil), quanto pela pecuária (-9,5%, ou -306,0 mil).

Contudo, a redução da população ocupada na agropecuária foi causada, exclusivamente, pela contração de postos de trabalho informal (-14,5%, ou -1,1 milhão). As vagas formais, por sua vez, registraram expansão, de 9,4%, o que corresponde a 175,9 mil novos postos de trabalho. Com isso, a agropecuária atingiu o maior número de pessoas ocupadas em vagas formais (2,0 milhões) e a maior taxa de formalidade (24,6%) para o segundo trimestre, considerando toda a série histórica disponível, iniciada em 2016. Ou seja, o mercado de trabalho no universo agro ficou menor ao longo do tempo, porém com maior qualidade, uma vez que os profissionais formalizados, na média, possuem um maior acesso aos direitos trabalhistas e uma maior estabilidade, além de demandarem melhores remunerações.

A INFORMALIDADE CRESCEU NO BRASIL, MAS NÃO NO AGRO

Vale destacar que o mercado de trabalho da agropecuária ficou mais formal ao mesmo tempo em que aumentou a informalidade do mercado de trabalho brasileiro. Isto é, considerando todos os setores econômicos do País, aumentou o número de pessoas ocupadas (+9,1%). Porém, essa alta foi puxada, sobretudo, pelos informais, que registraram um crescimento de 12,4%; os formais cresceram também, porém em uma proporção bem menor (6,7%). Com isso, a taxa de formalidade no mercado de trabalho nacional caiu ao longo dos anos, passando de 58,9% para 57,7%.

Antes de prosseguir, vale ressaltar que há um fato que tende a superestimar a real informalidade do mercado de trabalho associado à atividade agropecuária: uma fração quase totalitária dos produtores rurais são classificados pela PNADC como "conta própria". No entanto, como eles operam como pessoas físicas, não possuindo, portanto, Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), são classificados como ocupados informais. Isso explica, em parte, a maior taxa de informalidade do universo agro quando comparada à do restante do mercado de trabalho brasileiro.

A MAIOR FORMALIZAÇÃO AUMENTOU A REMUNERAÇÃO MÉDIA DO SETOR

Além de a população ocupada formal ter se expandido, a remuneração média mensal real da agropecuária cresceu de forma intensa entre o segundo trimestre de 2016 e o mesmo período de 2023. Porém, não é apenas isso: além de ter aumentado, cresceu mais do que a média de todos os setores da economia.

No período, a remuneração média paga aos trabalhadores da agropecuária cresceu, em termos reais, 24,4%, alcançando o maior patamar de remuneração para o segundo trimestre da série histórica, que foi de R$ 1.869,38.

REMUNERAÇÃO MÉDIA CAI MENOS NA AGROINDÚSTRIA DO QUE NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Entre 2016 e 2023, a agroindústria registrou um desempenho menos favorável do que a atividade "dentro da porteira", sendo fortemente impactada, sobretudo, pela greve dos caminhoneiros e pela pandemia. Com isso, a produção agroindustrial, em 2023 (até o segundo trimestre), está abaixo do patamar de produção de 2016 (-4,4%), de acordo com os dados do Índice de Produção Agroindustrial (PIMAgro), do FGV Agro.

A dificuldade maior da produção agroindustrial refletiu-se no seu mercado de trabalho. Apesar de a agroindústria ter conseguido aumentar o seu número de pessoas ocupadas (gerou 331,1 mil vagas, ou +6,5%), ela está pagando, em média, uma remuneração mensal real menor (-1,6%). Contudo, vale destacar que, em termos de remuneração, a agroindústria apresentou uma redução menos intensa do que a observada na indústria de transformação, cuja contração foi de 4,8%.

Diante disso, apesar de não ter apresentado um desempenho tão favorável como o observado na agropecuária, a agroindústria manteve-se mais resiliente do que a média de todos os setores da economia em termos de mercado de trabalho, principalmente considerando a remuneração média mensal.

Ao mesmo tempo, a remuneração média brasileira cresceu em um ritmo muito menor, 4,3%. Com isso, ao longo do tempo, diminuiu a diferença entre a remuneração paga aos trabalhadores do agro e a remuneração média de todos os setores da economia: em 2016, o trabalhador do agro recebia 55,2% da remuneração média brasileira; em 2023, essa razão foi para 65,9%.

Em outras palavras, mercado de trabalho do agro está menor, porém se encontra mais formalizado e pagando, na média, maiores remunerações. Nesse sentindo, constata-se que a expansão da produção da agropecuária refletiu-se positivamente no seu mercado de trabalho. Porém, essa melhora não se deu em termos de quantidade, mas sim de qualidade. Isto é, a agropecuária perdeu postos de trabalho ao longo do período, no entanto essa redução concentrou-se, exclusivamente, nas vagas informais. As vagas formais, por sua vez, aumentaram significativamente, assim como a remuneração média mensal.

Diante disso, entende-se que o setor tem incorporado mais tecnologia (ou seja, tem sido menos intensivo em mão de obra). Esse novo cenário demanda profissionais mais qualificados e que exigem melhores postos de trabalho (formais) e maiores remunerações. Além disso, ao reduzir as vagas informais, o setor dispensa trabalhadores que, de modo geral, recebem uma remuneração menor – isso, algebricamente, também levou ao aumento da remuneração média mensal do setor. ■

"...a agropecuária perdeu postos de trabalho ao longo do período, no entanto essa redução concentrou-se, exclusivamente, nas vagas informais. As vagas formais (...) aumentaram significativamente, assim como a remuneração média mensal."

1Pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br

2Professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br

3Pesquisador do FGV Agro – acosta.diz@gmail.com